

4º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ARQUITETURA VERNÁCULA POPULAR: TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE . ESCOLA DE ARQUITETURA E URBANISMO

OS VERNÁCULOS DA CIDADE: A ARQUITETURA CONTEXTUAL DE PETRÓPOLIS

*LOS VERNACULOS DE LA CIUDAD: LA ARQUITECTURA CONTEXTUAL DE
PETRÓPOLIS*

THE CITY'S VERNACULARS: PETROPOLIS' CONTEXTUAL ARCHITECTURE

EIXO TEMÁTICO 03: MEMÓRIAS, DOCUMENTAÇÃO E PRESERVAÇÃO

COSTA, Daniella

Doutora em arquitetura e urbanismo; PROARQ/UFRJ

daniella.martins@fau.ufrj.br

PESSOA, José

Doutor em planejamento urbano e regional; PPGAU/UFF

e-mail: jsbpessoa@id.uff.br



RESUMO

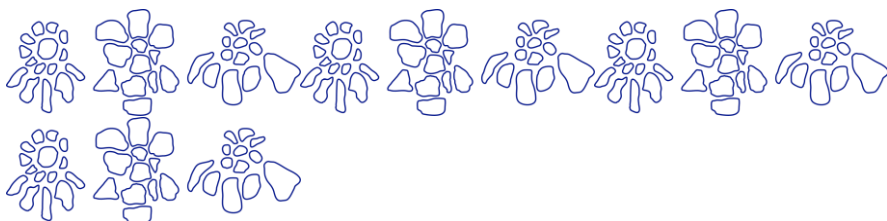
A expressão arquitetura vernacular surgiu entre os ingleses para distinguir o conjunto de edificações marcado por características locais, enquanto os italianos empregam o termo arquitetura menor para designar as construções privadas não monumentais, em geral sem a participação de arquitetos. Já os portugueses consagraram o adjetivo “popular”. A ideia de vernáculo serve aqui para definirmos a arquitetura civil urbana em um contexto semelhante à relação que as palavras têm com a língua, no nosso caso, a cidade. Os indivíduos arquitetônicos são as palavras que articulam a língua geral da cidade. O tombamento de Petrópolis realizado em 1982, foi baseado em estudo que identificou valor no conjunto de arquiteturas composto por elementos que não se destacavam individualmente, mas que chamavam atenção pela repetição de temas com variações que os associavam visualmente a paisagem petropolitana, ao seu contexto (ALCANTARA, 1980). A arquiteta Dora Alcântara denominou o conjunto de edificações menores/vernaculares de valor patrimonial, como arquitetura contextual. Em 2019, um estudo em colaboração com o escritório técnico do IPHAN na Região Serrana no Rio de Janeiro, envolvendo um grupo de estudantes de arquitetura da UFF e UFRJ produziu trabalho pioneiro acerca dos elementos de composição arquitetônica fundamentais para a caracterização de cada um dos tipos da arquitetura contextual petropolitana, e consequentemente para a gestão de conservação do sítio urbano tombado.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura vernácula; arquitetura contextual; patrimônio; Petrópolis.

RESUMEN

La expresión arquitectura vernácula surgió entre los ingleses para distinguir el conjunto de edificios marcados por características locales, mientras que los italianos utilizan el término arquitectura menor para designar construcciones privadas no monumentales, generalmente sin la participación de arquitectos. Los portugueses ya han establecido el adjetivo “popular”. La idea de lengua vernácula sirve aquí para definir la arquitectura civil urbana en un contexto similar a la relación que tienen las palabras con el lenguaje, en nuestro caso, la ciudad. Los personajes arquitectónicos son las palabras que articulan el lenguaje general de la ciudad. La catalogación de Petrópolis en 1982 se basó en un estudio que identificó valor en el conjunto de arquitecturas compuestas por elementos que no destacaban individualmente, pero que llamaban la atención por la repetición de temas con variaciones que los asociaban visualmente con el paisaje petropolitano. con su contexto (ALCANTARA, 1980). La arquitecta Dora Alcântara denominó arquitectura contextual al conjunto de edificios más pequeños/vernáculos con valor patrimonial. En 2019, un estudio realizado en colaboración con la oficina técnica del IPHAN de la Región Serrana de Río de Janeiro, con la participación de un grupo de estudiantes de arquitectura de la UFF y de la UFRJ, produjo un trabajo pionero sobre los elementos de composición arquitectónica fundamentales para caracterizar cada uno de los tipos, de la arquitectura contextual petropolitana, y en consecuencia para la gestión de conservación del sitio urbano catalogado.

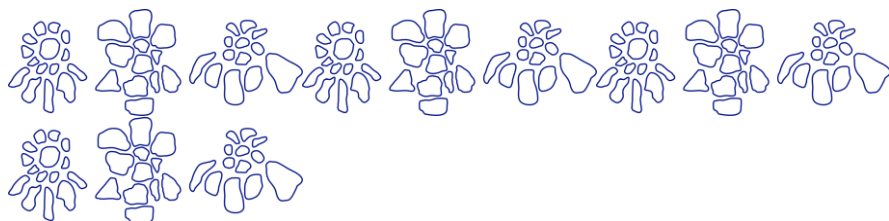
PALABRAS CLAVE: arquitectura vernácula; arquitectura contextual; valor patrimonial; Petrópolis.



ABSTRACT

The expression vernacular architecture emerged among the English to distinguish the set of buildings marked by local characteristics, while the Italians use the term minor architecture to designate non-monumental private constructions, generally without the participation of architects. The Portuguese have already established the adjective “popular”. The idea of vernacular serves here to define urban civil architecture in a context similar to the relationship that words have with language, in our case, the city. Architectural individuals are the words that articulate the general language of the city. The listing of Petrópolis in 1982 was based on a study that identified value in the set of architectures composed of elements that did not stand out individually, but that drew attention due to the repetition of themes with variations that visually associated them with the Petropolitan landscape, with its context (ALCANTARA, 1980). Architect Dora Alcântara called the set of smaller/vernacular buildings with heritage value, contextual architecture. In 2019, a study in collaboration with the IPHAN technical office in the Serrana Region of Rio de Janeiro, involving a group of architecture students from UFF and UFRJ, produced pioneering work on the elements of architectural composition that are fundamental to characterizing each of the types. of Petropolitan contextual architecture, and consequently for the conservation management of the listed urban site.

KEYWORDS: vernacular architecture; contextual architecture; heritage value; Petrópolis.



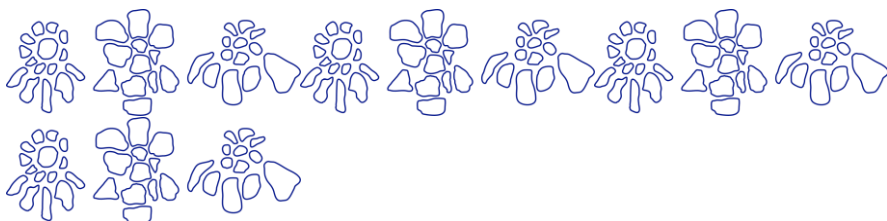
INTRODUÇÃO

A expressão arquitetura vernacular surgiu entre os ingleses para distinguir o conjunto de edificações marcado por características locais, enquanto os italianos empregam o termo arquitetura menor para designar as construções privadas não monumentais, em geral sem a participação de arquitetos. Já os portugueses consagraram o adjetivo “popular”. Podemos constatar ainda a carência de ensaios com conceituação suficiente para distinguir entre arquitetura erudita e arquitetura popular, entre valor de conjunto e valor singular, entre paisagem cultural e paisagem natural, entre traçado e tecido, entre o resultado de um projeto formalizado a priori e o resultado de uma intenção subjacente que ordenou um traçado implícito na ideia de cidade de uma determinada cultura.

A ideia de vernáculo serve, porém, para definirmos a arquitetura civil urbana em um contexto semelhante à relação que as palavras têm com a língua, no nosso caso, a cidade. Os indivíduos arquitetônicos são as palavras que articulam a língua geral da cidade.

No início dos anos 1960 avalia-se no IPHAN a pertinência do tombamento de trechos urbanos do primeiro distrito da cidade de Petrópolis, cidade da região serrana no estado do Rio de Janeiro. Considerava-se que se tratava de um conjunto arquitetônico da segunda metade do século XIX e das primeiras décadas do XX, de singularidade excepcional. No entanto o tombamento realizado em 1962 acabou por se restringir a uma única rua, que apresentava o conjunto mais monumental. Esse tombamento seria ampliado em 1982, fruto de um estudo pioneiro que identificou valor no conjunto de arquiteturas composto por elementos que não se destacavam individualmente, mas que chamavam atenção pela repetição de temas com variações que os associavam visualmente a paisagem petropolitana, ao seu contexto (ALCANTARA, 1980). Por essa razão, a arquiteta Dora Alcântara denominou o conjunto de edificações menores/vernaculares de valor patrimonial, como arquitetura contextual.

Nos estudos de caracterização desta arquitetura contextual – ‘Estudo sobre as tipologias arquitetônicas observadas na área inventariada no Município de Petrópolis - Rio de Janeiro’ (INBI-SU/FAU/UFRJ, 2003) e no estudo ‘Petrópolis Arquitetura contextual’ (ALCÂNTARA, 1980) – foram identificados nove tipos: Casa do Colono, Casa Petropolitana, Casa de



torreão, Chalé Romântico, Exemplos Normandos, Exemplos Neoclássico, Exemplos Ecléticos, Exemplos Neocoloniais e Exemplos Modernos, que se articulam na paisagem urbana de Petrópolis de maneira harmoniosa.



Fig. 01. Casa petropolitana com varanda e porão alto. 03/2021. Acervo do Laboratório cidade e memória- LCM.

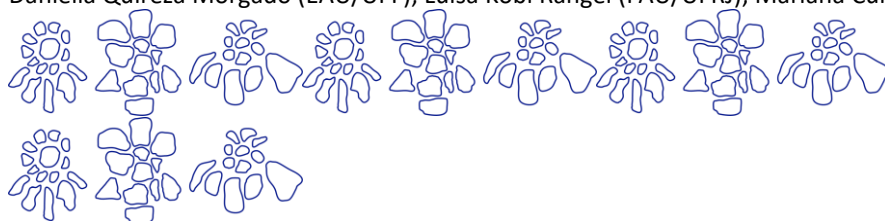


Fig. 02. Casa do colono. 03/2021. Acervo do Laboratório cidade e memória – LCM.

A partir de 2019, iniciamos colaboração com o escritório técnico do IPHAN na Região Serrana no Rio de Janeiro, envolvendo um grupo de estudantes de arquitetura das universidades Federal Fluminense e Federal do Rio de Janeiro¹ para produzir um estudo dos elementos de composição arquitetônica fundamentais para a caracterização de cada um dos tipos, e consequentemente para a gestão de conservação do sítio urbano tombado.

O aprofundamento das análises, permitiu a identificação de mais um tipo, que não havia sido originalmente incluído, os Bangalôs, bem como a ampliação da área de observação, resultou na adição de outro tipo, o Art Déco, ampliando a classificação para um total de 11 tipos sendo 3 deles considerados característicos da cidade de Petrópolis: casa do colono (fig.02), casa petropolitana (fig.01) e casa com torreão. A tarefa não se resumiu apenas à identificação dos tipos, e sua localização nas plantas cadastrais da cidade, mas na

¹ Igor Reis Manhães (EAU/UFF); Nathália Paixão Conceição Barros (EAU/UFF), Leticia Faial (EAU/UFF), Daniella Quireza Morgado (EAU/UFF); Luísa Kobi Rangel (FAU/UFRJ); Mariana Cunha Caetano (FAU/UFRJ).



produção de um catálogo que pudesse ajudar os técnicos do IPHAN não só a identificar as tipologias mais facilmente, mas reconhecer seus elementos compositivos fundamentais.

Esta análise cartográfica tipológica da cidade, localizando as tipologias classificadas, tem uma dupla função. Não só nos mostra a composição do tecido histórico da cidade onde parte desta história está guardada, mas, vai tornar possível a leitura de uma outra questão, os pontos onde o caráter peculiar da cidade começa a se perder.

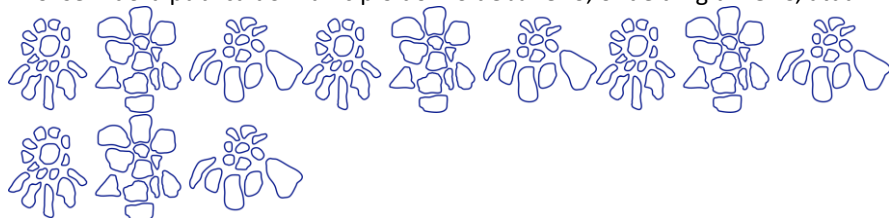
O VERNÁCULO PETROPOLITANO

As mansões e os palacetes tinham as mais diversas influências: Inglesas, francesas, mexicanas, espanholas. Mas estavam impregnadas de imaginação, de atmosfera. Alguns tetos amansardados, sótãos. Até telhados de ardósia havia.[...] não se enquadram em nenhum estilo considerado brasileiro, nada tem de colonial. Mas são características de uma forma de viver em um determinado período de civilização. (JARDIM,1987.p.39)

Em nossa aproximação com o tecido urbano petropolitano nos deparamos com tipologias arquitetônicas encontradas corriqueiramente em cidades brasileiras do século XIX, como a descrição que faz a escritora memorialista Rachel Jardim² da sua cidade natal Juiz de Fora em Minas Gerais. Quem já subiu a serra para encontrar nosso objeto de estudo sabe que o relato que Rachel faz poderia também descrever Petrópolis. Nosso estudo tipológico, citado anteriormente, traz uma lista de tipos que encontraremos facilmente no Rio de Janeiro ou em cidades mineiras, com tecido urbano deste período.

Neste trabalho, gostaríamos de nos aprofundar no estudo de dois dos três tipos que consideramos característicos da cidade de Petrópolis. A casa do colono e a casa petropolitana. Para isto, um dos trabalhos que certamente tem nos norteado, é o material produzido por Dora Alcântara em 1980, intitulado “Petrópolis arquitetura contextual: Considerações sobre o caráter peculiar de Petrópolis”. Trata-se de um folheto ilustrado feito com as primeiras considerações sobre o sítio urbano, produzido pela arquiteta, durante os estudos para o ampliação do tombamento inicial de Petrópolis. O Folheto é dividido em

² Foi servidora pública do município do Rio de Janeiro, onde dirigiu DGPC, atual IRPH.

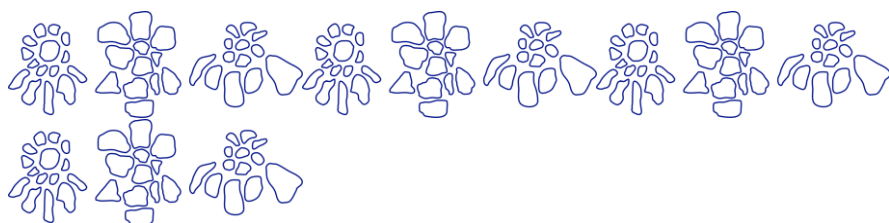


duas partes, e em sua segunda parte, intitulada 'arquitetura contextual' Dora passa a apresentar o acervo arquitetônico que forma o conjunto arquitetônico da cidade.

Ela os divide em duas categorias, o primeiro composto por “exemplares mais elaborados e ricos” (ALCANTARA,1980. pg.02), que seriam o resultado da grande influência do eclético entre os séculos XIX e XX, como podemos ver ainda presente no conjunto da Avenida Koeler ou em trechos da Avenida Ipiranga. A segunda categoria seriam aqueles “elementos que não se destacassem individualmente, mas ao contrário, chamasse atenção por uma repetição de tema com variações” (IDEM) e que estivessem “visualmente” ligados a paisagem da cidade. Este segundo tipo seria a definição de “arquitetura de tipo não excepcional” (ALCANTARA,1980. pg.02), composta pelos exemplares presente na maior parte do contexto urbano da cidade de Petrópolis, que somado a paisagem natural ainda conservada, é o que dá a Petrópolis esta atmosfera característica da cidade e preservada através do tombamento destes conjuntos.

Interessante notar que este conjunto de elementos formando um conjunto ligado a paisagem local é uma das definições de arquitetura vernácula que a carta do patrimônio vernáculo construído adotado pelo ICOMOS em sua 12ª assembleia geral no Mexico (ICOMOS,1999) indica como uma das características que constitui a arquitetura vernácula. O documento começa afirma em suas considerações gerais que este tipo de patrimônio material tem uma “forma de construir que emana da própria comunidade” (IDEM). Esse modo de fazer próprio imprime nestes objetos um carácter local particular e ligado ao território. O texto afirma ainda que o patrimônio vernáculo construído também pode ser caracterizado por “coerência de estilo, forma e aparência, bem como utilização de tipologias arquitetônicas tradicionalmente estabelecido.” (ICOMOS,1999), que é o que vemos preservado nos conjuntos Petropolitanos

Os modelos que contribuem na formação deste caráter particular em Petrópolis, foram se adaptando, parte de um “processo contínuo, que inclui mudanças necessárias e adaptação contínua em resposta às exigências sociais e ambientais” (ICOMOS,1999), neste caso, são o testemunho de uma maturação desenhada não só como resposta ao meio, mas sob influência da cultura dos imigrantes acolhidos na cidade. Esta procedência cultural distante da influência portuguesa que desenhou a maior parta das cidades brasileiras começam a



criar um clima “norte europeu” (ALCANTARA,1980. pg.10), que vão se mesclando com elementos tradicionais da cultura brasileira, como a presença dos alpendres avarandados e telhados tradicionais. Ao mesmo tempo novos materiais vão surgindo, como estruturas metálicas, rendilhados de madeira para decoração, a elevação do ponto dos telhados que transforma nossos telhados de empenas triangulares tradicionais em chalés românticos, dando origem a uma arquitetura particular.

Embora elementos de uma arquitetura média, produto as vezes de acréscimos, elas nos afiguram extremamente agradável. O porquê desse agrado, da identificação que com ela sentimos, reside a nosso ver, no fato de ser ela resultante de transformações discretas de modelos básicos, há séculos encampados por nossa cultura, assimilados, portanto, a nossa sensibilidade. (ALCANTARA,1980 p.02)

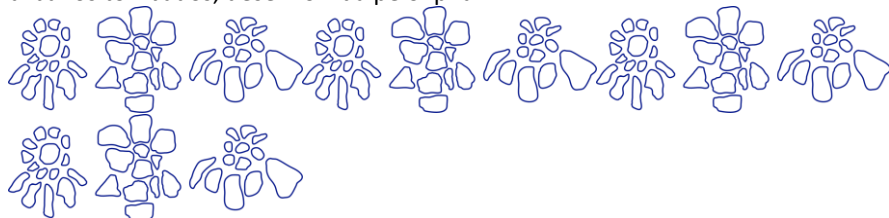
Essa arquitetura, resultado de uma época e um quadro social específico, carrega em seu cerne a capacidade de assimilação desta comunidade que “resultou em expressão eclética das mais sensíveis e discretas, um pouco como a própria assimilação do contingente imigrante em nossa sociedade” (ALCANTARA,1980 p.02). Entendemos que estes modelos que agora apresentaremos formam parte do vernáculo petropolitano.

CASA DO COLONO

Como mencionado anteriormente, o estudo que a arquiteta Dora Alcantara produz em 1980, vai nos introduzindo aos tipos encontrados nos conjuntos preservados de Petrópolis. Ela decide apresenta-los a partir dos elementos de menor complexidade e vamos seguindo sua narrativa em uma evolução formal, onde ela não apenas por sua descreve os modelos encontrados, mas os compara a outros modelos mais amplamente reconhecidos da arquitetura vernácula brasileira como as casas setecentistas mineiras e baianas.

Interessante notar que quase não existe uma nomenclatura para cada tipo, os nomes que usamos não foram estabelecidos por Dora, mas, pela equipe INBI-SU/FAU/UFRJ³ em seu ‘Estudo Sobre as tipologias arquitetônicas observadas nas áreas inventariadas no município de Petrópolis’ de 2003. Assim, através da descrição feita, vamos percorrendo uma linha evolutiva da arquitetura residencial petropolitana, onde acompanhamos uma

³ Inventário Nacional de Bens imóveis – Sítios Urbanos (INBI-SU) - metodologia de inventário de sítios urbanos tombados, desenvolvida pelo Iphan.



evolução discreta dos modelos básicos de nossa cultura, adaptados, especialmente no que diz respeito as técnicas construtivas trazidas pelo imigrante. Comparando as casas tradicionais mineiras do século XVIII, às casas Petropolitanas, a autora ressalta a mudança em sua implantação, técnicas construtivas e detalhes de acabamento.

A implantação destas casas é um dos elementos que lhes atribuem caráter particular. O descolamento das laterais, possibilita a ventilação, iluminação, e a manutenção das encostas, premissa do Plano Koeler. Ainda que, como nos lembra ALCÂNTARA (1980, pg.05), as fachadas com três vãos fossem comuns tanto nos conjuntos mineiros quanto aqui, mas a implantação tradicional do Brasil colonial possibilitava a leitura destes como “frases ritmadas” e contínuas, enquanto os exemplos petropolitanos são “compasso isolado” (IDEM).

A casa do colono em Petrópolis é a tipologia mais simples do ponto de vista formal (fig.02). O padrão mais modesto de habitação local, normalmente térrea. Lucio Costa se refere a esta tipologia como a “casa mínima” pequenas casas térreas “de pouca frente, muito fundo e duas águas apenas, alinhadas ao longo das ruas” (COSTA,1962 P.89). No caso de Petrópolis a fachada deste exemplar é estreita, alinhada à caixa da rua, com esquadrias que seguem a fórmula porta centralizada e duas janelas (fig. 03 e 04). O telhado normalmente apresenta duas águas e beiral simples. Em alguns exemplares podemos encontrar um sótão habitável refletido em uma abertura na fachada. O acabamento da fachada é normalmente feito em argamassa sem ornamentos (fig.05).

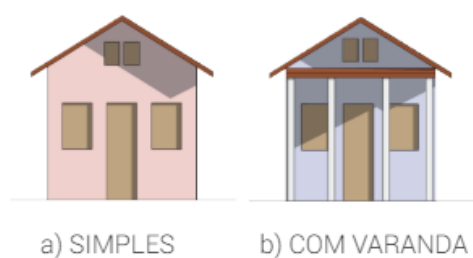
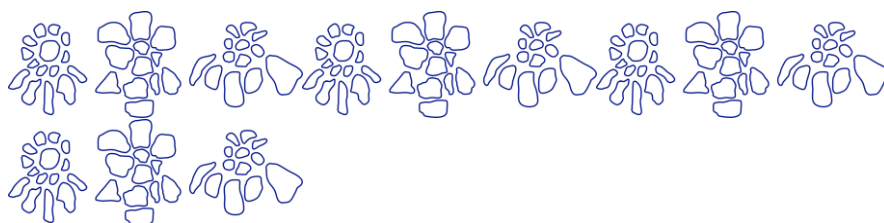


Figura 03: Casa do Colono: esquema de representação das variações encontradas.
Fonte: Laboratório Cidade e Memória, 2021.



Figura 04: Casa do Colono: Implantação típica.
Fonte: Laboratório Cidade e Memória, 2021.



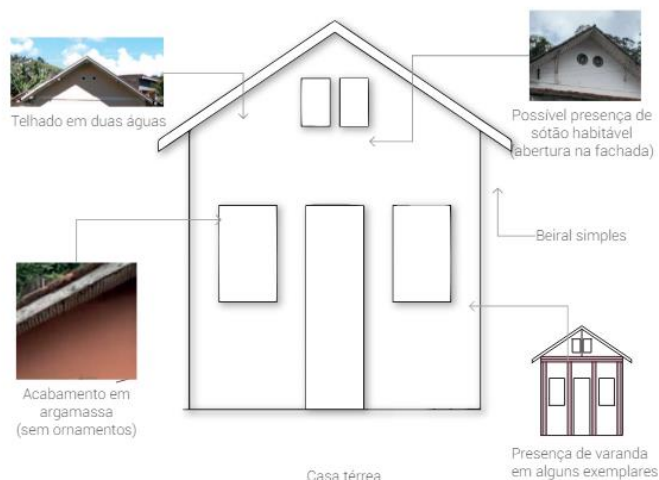


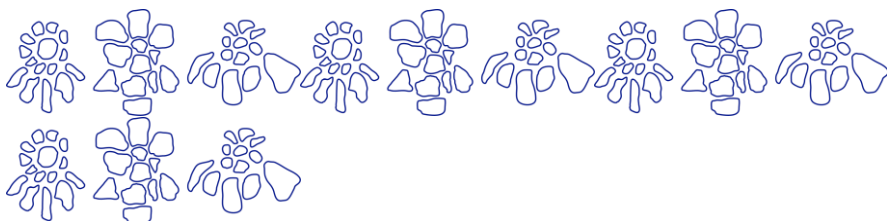
Figura 05: Casa do Colono: elementos característicos. Fonte: Laboratório Cidade e Memória, 2021.

CASA PETROPOLITANA

A tipologia apresentada por Dora Alcantara na sequência da casa do colono, é a única para a qual ela atribui nome, “casa petropolitana” (fig.06). A introdução deste tipo começa justo com uma comparação: “Se comparássemos a casa petropolitana com sobradões baianos ou portugueses dos séculos XVII e XVIII (1ª décadas) encontraríamos uma afinidade muito grande nesses acabamentos.” (ALCANTARA,1980 p.03).

Aqui encontramos um mesmo tipo de implantação em centro de terreno, como visto na tipologia casa do colono (fig.07). Um dos detalhes que diferenciem estes tipos talvez seja o uso da linguagem clássica, já que sua presença era comum a edifícios de maior porte, “A presença deste vocabulário em casas menores, no século XIX brasileiro, seria significativa de algum ascenso cultural por parte da população em geral” (IDEM). A descrição desta tipologia aponta também a presença de beiral, elemento típico no vocabulário residencial nas cidades brasileiras, mas que aqui contém dois elementos próprios.

Nele a estrutura real fica escondida num envólucro de madeira, enquanto figura aparente uma estrutura fantasiosa, onde, ao invés de “cachorros” são usadas mãos francesas” de delicado corte. (ALCANTARA,1980 p.03).



Este guarda-pó de acabamento delicado (fig.08 e 09) em madeira pode ser ainda complementado por um rendilhado de madeira inspirado na linguagem da arquitetura romântica do século XIX, que avança e se instala nas varandas frontais e laterais da casa. Outro elemento construtivo que caracteriza este tipo é o telhado em quatro águas com telhas francesas (fig.09). O uso destas telhas são também um elemento realçado nas descrições de Dora como um elemento característico desta tipologia. Ela compara a técnica usada aqui com as de outras cidades brasileiras. Em Petrópolis “a armação mais rígida da estrutura das coberturas concorre para diferenciá-lo dos sobrados de Ouro Preto.” (ALCANTARA,1980 p.05).

A casa petropolitana pode ser térrea ou do tipo sobrado com dois pavimentos (fig.08 e fig.01). Ocasionalmente pode apresentar uma outra característica, os porões altos. Pensando para corrigir “o problema da umidade dos pisos destas, elevava-se, as vezes, o suficiente para ser habitado”. (IDEM) A fachada normalmente apresenta acabamento argamassado, e em alguns casos sobrevergas decorativas.



Figura 06: Casa Petropolitana: algumas variações encontradas. Fonte: Laboratório Cidade e Memória, 2021.

Implantação Típica:

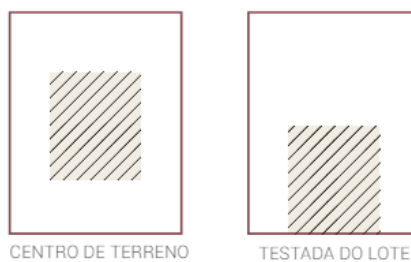


Figura 07: Casa Petropolitana: Implantação típica. Fonte: Laboratório Cidade e Memória, 2021.

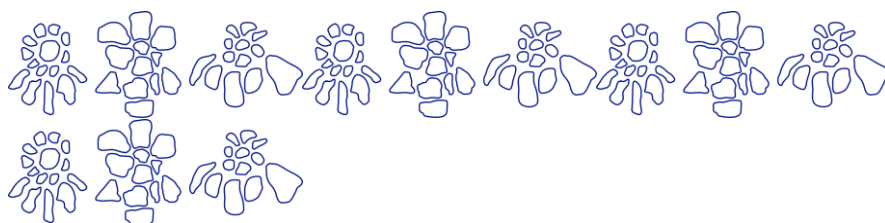




Figura 08: Casa Petropolitana: Presença de guarda-pó e varandas decoradas. Rua Montecaseiros, 560.
Fonte: Laboratório Cidade e Memória, 2021.

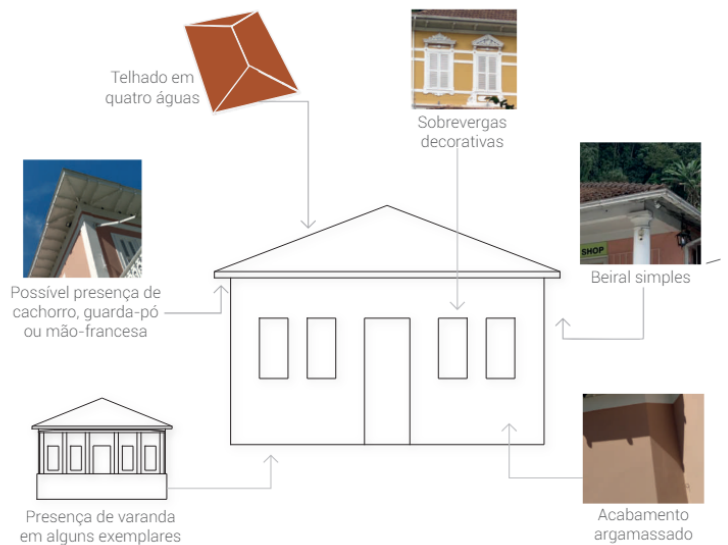
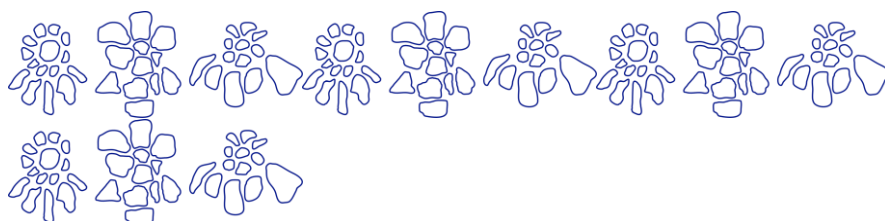


Figura 09: Casa Petropolitana: elementos característicos. Fonte: Laboratório Cidade e Memória, 2021.

CONCLUSÃO

Os elementos apresentados aqui caracterizam os conjuntos arquitetônicos tombados de Petrópolis. São um dos ingredientes responsáveis pela construção desta atmosfera descrita por alguns dos técnicos trabalhando na cidade como ‘pitoresca’. (IPHAN, processo nº 662-T-62. p.93). Essa atmosfera petropolitana, não se destaca apenas só por sua arquitetura vernácula, testemunho da ação do homem nesta área, mas, como encontramos registrado no processo de tombamento da cidade, pela sua relação com a paisagem onde está inserida de maneira harmoniosa.

Esse “bom relacionamento das edificações com a paisagem natural” preocupação presente no Plano Koeler somado a estas características arquitetônicas “reveladoras da história local” protegido por uma “atuação da comunidade petropolitana” na defesa de seu patrimônio. (IPHAN, processo nº 662-T-62. p.287) é o que caracteriza o vernáculo petropolitano.



Este trabalho de identificação e classificação das tipologias encontradas é uma contribuição, não apenas para o trabalho dos técnicos do Escritório técnico da Região Serrana- IPHAN/RJ, mas esperamos que possa ajudar a despertar na comunidade uma aproximação ao seu acervo arquitetônico, um dos protagonistas que contribui com a formação da paisagem petropolitana, juntamente com sua coleção de montanhas.

Afinal, como afirma o documento conhecido como Princípio de La Valleta: “As cidades históricas e as áreas urbanas são a prova viva do passado que as formou.” (ICOMOS, 2011, p.02). Assim, aquele que observa cuidadosamente as camadas temporais guardadas em nossas cidades será capaz de se encontrar com a história da sua formação materializada.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

ALCÂNTARA, Dora M. S. **Petrópolis arquitetura contextual: Considerações sobre o caráter peculiar de Petrópolis**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1980. (disponível na Biblioteca Paulo Santos nº F-202)

COSTA, Lucio. **Sôbre Arquitetura**. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universitários-CEUA,1962.

ICOMOS, **Princípios de La Valletta para a Salvaguarda e Gestão de Cidades e Conjuntos Urbanos Históricos**. In.: 17.^a Assembleia Geral do ICOMOS, Paris, 2011(disponível em: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/Valletta_Principles_Portuguese.pdf

ICOMOS, **Carta del patrimonio vernáculo construído** (1999) In. 12^a Asamblea General do ICOMOS, México, 1999. (disponível em: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/vernacular_sp.pdf. Acesso em:10/05/2024.

INBI-SU/FAU/UFRJ: **Estudo Sobre as tipologias arquitetônicas observadas nas áreas inventariadas no município de Petrópolis** - Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPHAN, 2003.

IPHAN, **processo nº 662-T-62**. Fonte: Arquivo Central do IPHAN

JARDIM, Raquel. **Os anos 40**. São Paulo: Editora José Olympio, 1987.

GRUPO MEMÓRIA, CULTURA E ARQUITETURA NA CIDADE/DTC/UFF. Estudo Tipológico da Arquitetura Contextual de Petrópolis: Mapeamento tipológico das Áreas Tombadas no 1º distrito - Fase II. Rio de Janeiro,2021

